

MARIA FIRMINA DOS REIS – “À AUTORA DOS SEUS DIAS” - !Maria Angélica Rocha Fernandes⁴⁰

Diante da problemática do preconceito racial contra a mulher negra, e as atribuições de estereótipos femininos no imaginário brasileiro, pretende-se dissertar sobre pontos importantes no que diz respeito à condição dessas representantes na literatura brasileira, em especial de Maria Firmina dos Reis que nasceu em São Luiz do Maranhão, em 11 de outubro de 1825. Mulata e fruto de uma relação fora do casamento, a autora vivia em um contexto de marginalização social e racial, aos cinco anos passa a morar com sua tia materna, na vila de São José de Guimarães, que tinha melhor condição financeira, fato que contribuiu decisivamente para a sua formação. Primeira poetisa maranhense escreveu e publicou por muito tempo, crônicas, poesias, ficção e charadas. Mulher, negra, pobre, bastarda, nordestina, inteligente e culta teve participação relevante no cenário cultural e nacional, atuando também como folclorista e compositora, tendo sido responsável pelo hino da Abolição da Escravatura. Professora de Instrução Primária na vila de Guimarães. Doze anos após o seu ingresso nesse concurso (1859), utilizando o pseudônimo “Uma Maranhense”, demonstra coragem em se identificar como uma mulher, mas é estrategista em não revelar a identidade negra. Não que ela recuse a auto-identificação da negritude, mas pela razão de o momento ser opressor o suficiente para silenciar sua voz, publica então *Úrsula*, considerado o primeiro romance feminino, abolicionista e afro-descendente do Brasil (mesmo à revelia de alguns estudiosos, que teimam em considerar a paulista Tereza Margarida da Silva Orta, como pioneira no romance feminino, que tinha como temática a mitologia grega e foi escrito em 1752 e publicado em Portugal). Aos 55 anos funda, audaciosamente, uma escola gratuita e mista, mostrando-se muito à frente do seu tempo. Embora conste na historiografia a sua grande contribuição para sociedade brasileira, infelizmente esta escritora e educadora foi desconsiderada por mais de um século, sendo suas obras resgatadas em 1975, encontradas ao acaso quando pesquisava textos de maranhenses sobre a “missa do galo”, pelo pesquisador José Nascimento Moraes Filho, que publica a edição fac-similar de *Úrsula* com prefácio de Horácio de Almeida. No corrente ano o

⁴⁰ Professora Auxiliar de Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia- DCHT, Campus XX.

pesquisador publica também *Maria Firmina – fragmentos de uma vida*, contendo um acervo de várias das suas obras. Maria Firmina dos Reis em sua trajetória na educação e na literatura brasileira foi o exemplo de uma mulher compromissada em reverter a mentalidade social ultrapassada e preconceituosa da época, trabalhando incansavelmente em busca da valorização feminina e afro-descendente, ao passo que lutava pelo fim da marginalização e dos preconceitos diversos - sexistas, étnicos, financeiros, sociais... aspectos denunciados em sua obra. No início do livro *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, declara que devido a pouca instrução que possui e sua humilde história de vida, publica seu romance tendo como objetivo o amparo da personagem *Úrsula*, pois essa proteção servirá não só de alento “*à autora dos seus dias*”, mas de *paradigma para outras mulheres* (grifo meu). É possível afirmar que a literatura é um instrumento de que o artista dispõe para recriar o mundo, ressignificar valores, costumes e fatos. É através da criação artística que podemos perceber e compreender as condições sociais, os costumes/hábitos, as crenças e estereótipos de uma sociedade. Por este motivo, estudar estereótipos atribuídos a um determinado segmento social é complexo, mas fundamental para a compreensão e intervenção em dada realidade. Maria Firmina faz um contraponto aos padrões da literatura e da sociedade vigentes, que apregoavam o ditado popular “*negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar*”, denunciando explorações e escapando de estereótipos tão freqüentes na nossa literatura tais como: o da mulata sensual (Rita Baiana, Fulô, D.Flor, Tieta, Gabriela, Clara dos Anjos , “globezas”, etc.) o do negro animalizado e/ou força de trabalho (Bertoleza e Nastácia), o do negro infantilizado (saci), o do negro demônio e pervertido (os marginais de telenovelas e produções cinematográficas no Brasil e no mundo). Buscou, verdadeiramente, fugir de um padrão de escrita que o negro escritor se comportava como um “branco nativo” ou omitia minuciosamente a condição do afro-descendente procurando defender a perspectiva dominante do explorador, ao contrário, protestou, mesmo com ressalvas que o contexto não permitia denunciar, contra a opressão sofrida por seu povo. Por essa razão, *o estereótipo pode ser definido como sendo a causa e o efeito de um prejulgamento de um indivíduo em relação a outro devido à categoria étnica e racial a que ele/a pertence* (BROOKSHAW, p. 13). Desta forma a escritora nos chama a atenção da história de vida e características encontradas em *Úrsula* e próximas as suas, tendo como observação o tratamento que é dado às classes menos favorecidas, utiliza a doutrina recorrente ao período histórico que estava inserida, que

era predominantemente romântico, demonstrada na história de amor entre Úrsula e Tancredo, que termina num final trágico (poderemos lembrar de Eugênio e Margarida no romance O Seminarista; Lucíola , Inocência, Iracema - nos livros homônimos, dentre outros da nossa literatura canônica) o que marca de forma contundente esse movimento literário, mesmo em contra-senso com José de Alencar que escusa a presença do negro na construção da nação brasileira, elevando o índio em virtudes e qualidades. Faz ênfase ao negro e as questões a eles pertinentes na sociedade daquela época, propondo uma situação de igualdade entre as etnias. Durante o enredo, Úrsula expõe o contexto social, econômico e cultural da época em que se espelhou para escrever seu romance, denunciando as injustiças praticadas contra os menos favorecidos e estigmatizados. As denúncias ao destrato dessas classes parece ser o principal objetivo da sua obra, em que ela enquanto mulher, afro-descendente, humilde e bastarda, sentiu, sofreu e lutou. A autora assume os dilemas do negro, sua história e se coloca também como protagonista dela. O livro apresenta técnicas do romantismo afluindo sentimentos e emoções, opressão e conflitos amorosos explícitos, cujo traço é característico do romance gótico, que tem como objetivo a aproximação e empatia com o público; possui uma linguagem simples com construções inovadoras em que dá espaço aos personagens de contar sua história quebrando assim uma tradição que não oportunizara a expressão de algumas classes de menos prestígio social, tanto que em sua obra consignava apenas o pseudônimo “Uma Maranhense”... *“Desta forma, a ausência do nome, aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina, juntam-se, conforme veremos, ao tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro”*.⁴¹ Nessa obra é possível observar ainda, o contexto sócio-cultural em que a autora se encontra, e chega a conclusões generalizadas, o enredo é mesclado com condições que eram separadamente atribuídas entre o homem e a mulher, o rico e o pobre, o negro e o branco, denunciando através da analogia entre as classes descritas as injustiças como: o conflito, o preconceito e a marginalização. Cronologicamente a autora está inserida num contexto sócio-cultural fortemente marcado pelo patriarcalismo, e a segregação racial e social, que se torna o conteúdo de sua obra, recorrendo sempre à doutrina romântica. Nota-se que Úrsula é um

⁴¹ (<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/mariafirmina/mariafirminacritica01.pdf>).

romance que penetra na estrutura sócio-cultural, econômica e racial brasileira, denunciando a moral e preconceitos existentes no período em que foi produzido, bem como o momento histórico do país e de uma nova maneira de fazer literatura que estava naquele instante sendo desbravada. Segundo Assis Duarte, em seu posfácio de Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira, a autora faz algumas inovações em seu romance, como por exemplo, dá voz a personagem Suzana, que é (também) uma mulher negra e pobre, transgredindo assim a uma tradição que privilegiava o discurso das classes de prestígios, com isso, no momento em que Suzana passa a narrar sua trajetória de vida desde o momento em que foi arrancada das suas raízes, denunciando a diáspora negra e até o momento atual que se encontra na narrativa, a autora passa a dar igualdade de valor a todos os personagens da trama independente da sua condição social.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. (REIS, 2004, 109).

É com a verbalização da negra Suzana que a escritora consegue expor o seu sentimento de exclusão, e quando ironiza a alforria de Túlio, explicando o sentido da verdadeira liberdade que nunca acontecerá realmente num país racista a um alforriado, ela quer na verdade lembrar que o negro sempre estará preso a uma mentalidade escravista e será eternamente vítima desse regime.

- Tu! tu livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. (...) Liberdade... eu gozei em minha mocidade! – continuou Suzana com amargura. Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. (REIS, 2004: 114-5)

O olhar sobre o negro no pensamento de Suzana é a todo o momento carregado do preconceito devido a sua origem escravocrata em nosso país, e que outros autores carregam em suas obras, sendo acusados de racistas e reacionários. Apesar de todo esse preconceito está vivo ainda em nossa sociedade, a autora, porém, consegue desconstruir por intermédio das personagens de Tancredo e Túlio a visão que o negro e o branco têm

um do outro. Geralmente ocorre uma visão errônea, tanto em relação ao negro, como em relação ao branco. Túlio foge a regra do escravo rancoroso e rebelde, apresentado naquela época, sendo descrito como um homem de boa índole, cheio de virtudes que não se embruteceu com a sua condição de escravo, Tancredo também é generoso, desinteressado e de sentimentos puros, o que não era colocado aos brancos, senhores escravocratas. Na verdade o que ocorre com as descrições do caráter dessas personagens é a intenção de corrigir a imagem que fazemos um do outro e delegar os erros a uma raça em específico. Maria Firmina dos Reis consegue assim, através dessas analogias comprovar que o caráter do ser humano é próprio do indivíduo, é inerente a ele não podendo ser em hipótese alguma estigmatizado a sua cor, classe social e sexo, e são através desses erros de interpretações tendenciosas que surgem os estereótipos. Logo no início da obra, em seu primeiro capítulo, percebe-se a apresentação do cenário nos remetendo à “cor local” descrita nos livros românticos, a natureza é apresentada com a ufania pertinente a essa época (século XIX) a obra está recheada de explanações da terra nacional, dos campos que são vastos e belos, amenos e doces e neste ambiente desce o crepúsculo. Firmina, detalhista e preocupada com a linguagem, descreve de maneira perspicaz o ambiente onde os fatos ocorrem e demonstra um vasto conhecimento dos personagens, destaca-se a humanidade condocida do indivíduo afro. Além de reforçar a própria condição afro-descendente do texto, a entrada em cena da velha africana confere maior densidade ao sentido político do mesmo. Mais uma vez, o território de origem é mencionado sem rodeios, ao contrário do que se vê em outros escritos dos novecentos, inclusive assinados por afro-brasileiros. Sobressai, então, a condição diaspórica vivida pelos personagens arrancados de suas terras e famílias para cumprir no exílio a prisão representada pelo trabalho forçado, *“é Mãe Susana quem vai explicar a Túlio (...) o sentido da verdadeira liberdade, que não seria nunca a de um alforriado num país racista.”*. A reflexão sobre o patriarcalismo permeia sobre a opressão feminina que não estava restrita apenas aos seus lares, pois as profissões de prestígio estavam direcionadas aos homens, e as mulheres não tinham qualquer lugar de destaque. A educação, por exemplo, só passou a existir para a mulher quando foi entendida como função de educadora dos filhos, ou seja, continuava ainda com um caráter doméstico. Na sociedade do século XIX em que se encontrava a autora, essa opressão masculina era ativa podendo ser comprovada na publicação do seu romance onde a maioria das mulheres deste século possuía uma educação moldada na tradição patriarcal católica,

cujo currículo era voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas. Sendo assim, Maria Firmina dos Reis torna-se a primeira escritora de uma obra literária afro-brasileira, e a faz com inovações ao dar espaço e voz às personagens negras, ao criticar os destratos a esses, e ao discorrer acerca do caráter do ser humano de maneira neutra sem estereotipar e nem direcioná-los a uma raça ou condição social em específico, com isso nos revela uma nova forma de fazer literatura, inaugurando a primeira obra abolicionista e autenticamente negra. A autora é um exemplo de contribuição da mulher na educação e na formação da nossa sociedade. Ela faz compreender as questões étnicas raciais, valoriza as contribuições da cultura negra para a formação da cultura brasileira, discutindo a sobrevivência da cultura e literatura afro em meio a preconceitos. As posições aqui colocadas podem fomentar discussões sobre o difícil quadro em que se fazem políticas negras e se produz cultura, as tensões sobre identidades e considerações críticas da etnicidade dominante. Ela – “essa autora dos seus dias”, convida-nos, modesta e humildemente, a refletir de forma muito imparcial sobre a formação da cultura brasileira.

Referências:

BROOKHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 40ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BERNAD, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*. Disponível em
<<http://www.editoramulheres.com.br/ursulapofacio.htm>>.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

LIEBIG, Sueli Meira. *Dossiê Black e Branco: Literatura Racismo e Educação nos Estados Unidos e no Brasil*. João Pessoa: ed. ideia, 2003.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: UNESP, 1996.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 288p

SOUZA, Carla Cristina Silva. *Conferência Internacional Educação, Globalização e Cidadania: Novas perspectivas da sociologia da educação. Estereótipos Raciais no Imaginário do Brasil; a imagem do negro/ e as atuais políticas para a promoção das relações étnicas raciais dentro da escola- reflexões históricas.* UFMA: Maranhão.

<<http://www.editoramulheres.com.br/ursulaposfacio.htm>>. Acessado em 09/06/2010. 20h30.

<<http://maranharte.blogspot.com/2009/08/maria-firmina-entre-versos-e-prosa.html>>. Acessado em 09/06/2010.20h50.

<mhtml:file://F:\LITERATURA E CULTURA AFRO\A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira Domicio Proença Filho — Kedere Consultoria Educacional.mht!http://www.kedere.com.br/textos-e-artigos/tradicao-oral-e-literatura/a-trajetoria-do-negro-na-literatura-brasileira>. Acessado em 10/06/2010.07h.

<<http://projetomonstros3.blogspot.com/2008/02/maria-firmina-dos-reis.html>> Acessado em 10/06/2010.11h30.